

e-mail: educacao@cbdata.com.br

EDUCAÇÃO

Campanha do MEC investe R\$ 10 milhões para melhorar a visão e o aprendizado dos alunos de 1º grau

Maria Clarice Dias
Da equipe do Correio

A té três meses atrás, tudo o que a aluna Mariana Martins Ramos, 7 anos, conseguia ver durante a aula era uma grande mancha branca no quadro e uma sombra de professora que se movia de um lado para o outro da sala. Tanta confusão visual atrapalhou o aprendizado da estudante da 1ª série da Escola Classe Paraná, em Planaltina. Quando não conseguia sentar na primeira fila, olhava discretamente o caderno dos colegas para copiar a aula. Quando não entendia o tema, ficava quieta, tinha vergonha de perguntar. "Era chato ficar na sala, eu quase não prestava atenção", conta.

Em junho, duas lentes transparentes numa armação de óculos resolveram o problema de Mariana. Toda a desatenção, a timidez, a preocupação em sentar sempre na primeira fila da sala e os prejuízos no aprendizado aconteciam porque Mariana tinha miopia nos dois olhos e ninguém sabia.

A partir de amanhã, todos os estudantes da 1ª série do ensino fundamental do país com dificuldade de aprendizado por problemas de visão começam a ser examinados gratuitamente. O Ministério da Educação (MEC) está investindo R\$ 10 milhões no programa Olho no Olho para ajudar os alunos a aprender melhor.

Desses recursos, R\$ 4 milhões serão para a compra de óculos.

A campanha, lançada na última semana pelo MEC, tem convênio com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, responsável pela cessão dos profissionais de saúde para avaliar a acuidade visual dos estudantes e prescrever os óculos, se necessário. "Sabemos hoje que muitas crianças deixam de aprender, repetem o ano e entram no círculo vicioso do fracasso escolar por um simples problema de visão que não foi detectado a tempo", disse o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, no lançamento da campanha.

Cerca de quatro mil oftalmologistas e 80 mil professores trabalharão na campanha. No ano passado, quando feito o programa-piloto, 1,5 milhão de crianças foram examinadas.

Amanhã, no lançamento oficial em Brasília, acontecerá um mutirão de exames no Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Deverão ser atendidas no mínimo cem crianças. Para o oftalmologista Benedito Antônio de Souza, responsável pela campanha no DF, um aluno com dificuldade grave de visão e sem tratamento entra numa competição desigual pelo aprendizado. "E está fatalmente condenado à derrota."

Segundo o coordenador nacional do programa Olho no Olho, Newton Kara, a partir dos sete anos a criança entra numa fase fundamental do aprendizado e a visão passa a ser muito exigida no estudo. "Daí a importância do diagnóstico e tratamento adequados", comenta. No caso de Mariana, a mudança foi evidente: "Eu hoje aprendo e entendo melhor o que a professora ensina".

Para a professora da turma de

sete anos da Escola Candanga, Maísa Gonçalves Batista, a grande mudança no desempenho de Mariana se reflete na independência dentro da sala de aula. "Ela está mais segura, mais extrovertida. Até em atividades simples, como preencher pontilhados com o lápis, ela demonstra mais segurança", relata Maísa, que também notou melhora na postura da aluna, que antes vivia com o rosto colado no caderno e agora já lê com mais distância.

DIFICULDADE

No caso de Sandy Larissa Carvalho Augusto, 7 anos, o defeito visual só foi notado quando ela pulou da educação infantil, antigo jardim de infância, direto para a 2ª série do ensino fundamental. "Notei a dificuldade quando ela começou a escrever. Às vezes, ela

deixava algumas folhas em branco por não conseguir copiar a aula", conta Josi, mãe de Sandy.

Com Felipe Nogueira, 8 anos, aluno da 1ª série da Escola Classe Paraná, o defeito na visão foi notado fora da sala de aula. "Eu vivia com a cara grudada na televisão", conta. Os professores de Felipe o indicaram para realizar o exame e, em poucos dias, lá estava ele sentado confortavelmente a metros da TV assistindo seu desenho preferido, os *Gárgulas*.

A Fundação Educacional do Distrito Federal desenvolve há 20 anos o programa Boa Visão, bem parecido com o lançado pelo governo federal. Segundo o coordenador de saúde da fundação, Pedro Bernardes Júnior, uma criança que não enxerga direito, tem dificuldade para aprender e, muitas vezes, é mal comportada e costuma atrapalhar os colegas. "Um grande índice de evasão escolar acontece pela inadequação do aluno com capacidade de enxergar", afirma.

No DF, os exames e a distribuição dos óculos são gratuitos. Há dez anos, foi criada a fábrica de óculos, com capacidade de doar até duas mil peças por mês. Só este ano, 3,5 mil óculos foram entregues. Mariana, Sandy e Felipe foram três dos tantos beneficiados. Agora, todos conseguem reconhecer perfeitamente as letras brancas escritas pela professora no quadro.

Depois de começar a usar óculos, Mariana, Felipe e Sandy passaram a prestar mais atenção às aulas

